O *fait divers* e a indústria do medo: um estudo sobre a espetacularização da doença

Luciana da Cunha e Souza
Anne da Rocha Ferreira

Introdução

Em seu artigo "O progresso da ciência-espetáculo", o filósofo Paul Virilio defende a ideia de que as pessoas, insatisfeitas com sua condição humana (condenada a agruras, doenças e morte) tendem a crer nas promessas tecnológicas como modo de superar seus limites. Porém, quando a tecnologia se manifesta "a impostura do imediato e a ilusão de proximidade privam o homem de se conhecer a si próprio e aos outros". Segundo o autor, o culpado das condições de vida na terra já tinha sido escolhido: era o homem.

Bastava recorrer à mística pós-adâmica, com as velhas especulações sobre a cibernética e a eugenia. Voltamos, então, a nos interrogar sobre as estruturas fisiológicas do ser humano – que pouco mudaram desde o neolítico, ao contrário dos sistemas de sociedade e, principalmente, das máquinas, cujos progressos foram constantes. Aliás, será que sabemos o que é um homem? (...). Apenas organismos vivos desproporcionais, simultaneamente grandes e pequenos demais, "presos no Universo, como numa jaula", afirmava Blaise Pascal.[1]

A publicidade comumente faz analogia entre o corpo humano e a máquina – e, normalmente, acaba enaltecendo a *máquina* que irá comprar seus produtos e serviços. Mas o jornalismo parece proceder de forma diversa – fortalece sua decantada função catártica ao nos mostrar os que padecem de males dos mais sortidos tipos e nos apresenta, diariamente, um mundo terrivelmente amedrontador.

Noções de saúde e doença

Segundo o estatuto da Organização Mundial de Saúde (OMS), a saúde é "um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não meramente a ausência de doenças ou enfermidades".[2]

Destacamos, aqui, a abordagem holística expressa na frase. Mais que isso, a tentativa de estabelecer uma visão de saúde para além da mais comumente usada: a antítese de doença.

A saúde pode, então, ser relacionada à excelência: uma otimização, dentro das possibilidades de cada indivíduo, de seu estado geral; por sinal, noção muito próxima do ideal hipocrático.

Infelizmente, esta noção de saúde está longe da realidade da maioria das pessoas. O que usualmente encontramos é mesmo a representação de saúde como não-doença e, em última instância, a ausência de males que impossibilitem o trabalho, que levem à dependência de outras pessoas, isto é, que dificultem a sobrevivência.

Boltanski[3] defende que assim como as representações sociais do corpo mudam de acordo com o lugar ocupado pelos atores sociais na estrutura de produção, também as noções de saúde (e doença) sofrem alterações significativas.[4]

Pesquisa realizada em hospitais públicos cariocas acerca das práticas terapêuticas complementares[5] nos revela um dado muito interessante:

> As representações de corpo, saúde, doença e tratamento dos pacientes de acupuntura dos serviços de saúde tendem a se aproximar das dos pacientes da biomedicina e do imaginário mecanicista desta racionalidade médica. O corpo é uma máquina a ser consertada, mas possivelmente sem conserto. A saúde como positividade imaginada não existe, a representação mais recorrente de doença é a invalidez permanente.

Um panorama histórico das formas de adoecimento

Tomemos como ponto de partida a ideia de que a medicina e suas histórias dão conta, por meio de inúmeras narrativas, do sofrimento humano.

Apaziguar o sofrimento, restabelecer a saúde – eis as causas para o nascimento da arte médica. Em todo lugar, em qualquer época, sempre existiram homens a sofrer e métodos para *remediar* seus males.

Os modos de adoecer também sofrem alterações de acordo com as condições ambientais e culturais de cada época e local. Durante esta pesquisa, percebemos que, desde a época de Hipócrates e Galeno, a noção de saúde está relacionada a alguns aspectos que, por sua vez, se combinam entre si. Eis alguns deles:

> – o merecimento: a saúde como resultado das ações e do entendimento que o homem tem do seu lugar (no cosmos) e de sua interação com o mesmo;
> – a saúde como consequência da profícua (e eterna) luta do homem contra a desmedida;
> – a saúde como o efeito de uma produção, de uma arte *(téchne)*.

Grosso modo, poderíamos traçar fases de prevalência de determinados adoecimentos. Foi o que fizeram Ibañez e Marsiglia[6] – uma abordagem histórica – visando estabelecer nexos causais.

Influências como a qualidade do ar e da água, fatores climáticos, ambientais, variedade (ou escassez) de alimentos, enfim, os hábitos de cada povo ajudam a definir o perfil epidemiológico de determinado período histórico.

Na Antiguidade, as doenças infectocontagiosas e os traumatismos, causados por lutas e pelo ofício da caça, foram as principais causas de morte.

Com o surgimento das grandes cidades, gregas e romanas, temos as primeiras epidemias – além dos ferimentos de guerra, a mistura dos povos e as aglomerações citadinas imprimiram novas feições ao adoecimento.

A Idade Média é marcada pela medicina monástica e pela difusão de pestes que dizimaram as populações europeias como a peste negra, o tifo e o cólera.

No período renascentista, muitas doenças fatais surgem fruto da fase das grandes descobertas, doenças do Novo Mundo, como a malária, ou, mesmo, causadas pelas longas viagens intercontinentais, como o escorbuto.

Na Idade Moderna, as epidemias, as doenças crônico-degenerativas e os ferimentos à bala figuraram como os grandes vilões no cenário médico. No século XIX, além das doenças infectocontagiosas, aparecem os distúrbios ocupacionais: o excesso e a insalubridade no trabalho ocasionam lesões físicas e mentais.

Atualmente, nossa tecnológica medicina tem como desafios doenças infectocontagiosas (como a AIDS e a dengue), crônico degenerativas, ocupacionais, mentais, traumatismos decorrentes da violência urbana, entre outros.

O medo, a angústia e a doença

O sociólogo polonês Zigmunt Bauman cunhou o conceito de Modernidade Líquida, desenvolvido em sua extensa obra, já quase toda disponível em português. Em poucas palavras, a dita Modernidade Líquida tem como principais características a fluidez, a provisoriedade, o desapego e um acelerado processo de individuação dos sujeitos – uma época de maior liberdade de escolhas, menor importância das tradições, mas, ao mesmo tempo, de maior falta de segurança, de certeza e de garantia. Óbvio que essa nova situação traz em seu empuxo a angústia e o medo.

Segundo Bauman, os medos, agora, estão espalhados, difusos. Parecem não ter nenhuma raiz, sendo difícil de localizá-los, já que os sentimos, mas não os vemos:

> Isto é o que faz com que os medos contemporâneos amedrontem tão terrivelmente e os seus efeitos sejam tão difíceis de amenizar. Eles emanam virtualmente em todos os lugares. Há os trabalhos instáveis, as constantes mudanças nos estágios da vida, as fragilidades das parcerias, o reconhecimento social só dado 'até segunda ordem' e sujeito a ser retirado sem avisos prévios, as ameaças tóxicas, a comida venenosa ou com possíveis elementos cancerígenos, a possibilidade de falhar num mercado competitivo por causa de um momento de fragilidade temporária ou por causa de uma falta de atenção momentânea, as ameaças que as pessoas sofrem nas ruas e a constante possibilidade de perda dos bens materiais...[7]

Bauman defende que, apesar de muitos e bem diferentes, os medos acabam por alimentar uns aos outros criando uma combinação especialmente daninha do estado mental dos sujeitos, atualmente.

Vejamos, agora, como o jornalismo cotidiano, ao se utilizar amiúde de notícias sensacionalistas, no caso, sobre doenças raras, acaba por colaborar com a disseminação do medo entre seus leitores e, por conseguinte, a povoar nosso imaginário acerca de nossa condição humana. Para essa análise lançamos mão do conceito barthesiano de *fait divers*.

Definindo o *fait divers*

As notícias que se encaixam na definição de *fait divers* atraem devido ao seu caráter excepcional, sua capacidade de conseguir atenção, entreter, despertar emoções. Sendo assim, são o componente principal do jornalismo dito sensacionalista que as utiliza como mercadoria para gerar lucros, e mercadoria perfeita da chamada Indústria Cultural.

A excessiva divulgação do *fait divers* pelos meios de comunicação – que no processo de edição e seleção de informações seguem, cada vez mais, a lógica de mercado – leva o público acreditar que eles possuem alguma importância, quando, na verdade, ele não gera reflexões, permanecendo somente na esfera do emocional, repleto de Causalidades e Coincidências.

De origem francesa, o termo *fait divers* se caracteriza, entre outras definições, como fato "que desperta interesse do leitor por implicar rompimento insólito ou extraordinário do curso cotidiano dos acontecimentos"[8]. No discurso das notícias que se referem à saúde e doenças, ele não só dá conta de aspectos inexplicáveis do dia a dia e atrai por proporcionar ao público acesso a esses acontecimentos perturbadores a uma distância segura, sem se envolver diretamente neles. Vai além e desperta emoções que criam uma aura de medo e expõe a fragilidade e o bizarro da condição humana para vender a notícia.

Recorremos ao autor Roland Barthes, que transformou o termo em conceito semiológico[9] em 1964, na obra *Essais Critiques*, e a matérias veiculadas na mídia eletrônica para demonstrar como o *fait divers* é utilizado para alimentar essa cultura do medo, mantendo-se longe da esfera do reflexivo e primando pelo emocional. De acordo com o semiólogo francês, para se entender a estrutura do *fait divers* é necessário apanhar estas relações, estes encadeamentos imanentes a ele, que podem ser reduzidas a dois tipos distintos: os que têm base na Causalidade e os que têm relação de Coincidência.

Segundo a definição de Barthes[10], *fait divers* seria uma notícia de ordem não classificada, "o refugo desorganizado das notícias informes", dentro de um catálogo mundialmente conhecido de informações (política, economia, guerras, espetáculos, ciências, etc).

Numa só palavra, seria uma informação monstruosa, análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em suma inomináveis, que se classificam em geral pudicamente sob a rubrica de variedades.[11]

Levando em consideração a promoção excessiva que a mídia faz do *fait divers,* o autor sublinha que a diferença principal entre ele e outros tipos de

notícias é a estrutura. No caso de um assassinato causado por motivações políticas, por exemplo: ele constitui uma informação parcial que, para ser entendida, depende da explicação de um contexto anterior e exterior ao fato noticiado – é necessário um conhecimento político para compreendê-lo. Já no *fait divers*, acontece o inverso: ele é uma informação completa, autossuficiente – ou seja, que encerra nela mesma todo o saber – não exigindo outros conhecimentos para ser consumida. Ao dispensar a reflexão, pois tudo já está dado de imediato (suas circunstâncias, suas causas), ele se torna uma espécie de relato romanceado do cotidiano, fazendo com que fatos banais sejam tidos como importantes, confundindo a ordem aparente das coisas.

A relação de Causalidade, no conceito de *fait divers* estabelecido por Barthes, se caracteriza pelo desvio: justamente o porquê absurdo do fato vai resultar em assombro e chamar a atenção do público. Sodré diz que, no caso de uma notícia como "médico estrangula a cliente com estetoscópio", a anormalidade estaria na quebra do compromisso ético-social do médico com a cura. Quando se esperava um motivo para o acontecimento, construído a partir de estereótipos, é justamente outro, aberrante e inesperado, que se revela.[12]

Uma mulher esfaqueia seu amante: crime passional? Não, eles não se entendiam bem em matéria de política. Uma empregada rapta o bebê de seus patrões: para obter um resgate? Não, porque ela adorava a criança. Um assaltante ataca mulheres solitárias: sádico? Não, simples ladrão de bolsas.[13]

Isto é o que se pode chamar de causa perturbada, pois a relação que liga os fatos surpreende – nos exemplos acima, diferenças de opiniões políticas, afeição exagerada e roubo puro e simples são considerados irrisórios se comparados a crime passional, chantagem e sadismo. Ocorre, então, o espetáculo da decepção. Para o semiólogo francês, "paradoxalmente, a Causalidade é tanto mais notável quanto mais é decepcionada". Ele relata, também, que há casos em que pequenas causas resultam em grandes efeitos – "Um inglês se engaja na Legião Estrangeira: não queria passar o Natal com a sogra"[14].

Porém, se a causa se revela exatamente segundo o que se esperava, a ênfase do *fait divers* recai para o que se chama de *dramatis personae* (mãe, velho, criança, etc.), protagonistas que se encarregam de dar vida à notícia, estabelecendo uma relação entre ela e o humano para garantir o interesse de quem consome.[15]

Tanto a causa perturbada quanto a causa esperada contribuem para criar uma ideia de fatalidade, relacionada à impotência humana em lidar com aquilo que acontece sem aviso prévio. É como se uma força estranha, que escapa ao entendimento, agisse criando uma aura de ambiguidade entre o explicável e o inexplicável. Barthes chama essa força estranha de acaso.

O *fait divers* nos diz que o homem está sempre ligado a outras coisas, que a natureza é cheia de ecos, de reações e movimentos; mas, por outro lado, essa mesma Causalidade é constantemente minada por forças que lhe escapam; perturbada sem entretanto desaparecer, ela fica de certo modo suspensa entre o racional e o desconhecido, oferecida a um espanto fundamental; distante de seu efeito (e é isto, no *fait divers*, a própria essência do notável), a causa parece fatalmente penetrada por uma força estranha: o acaso; no *fait divers*, toda Causalidade é suspeita de acaso.[16]

A relação de Coincidência que se articula na estrutura do *fait divers* se manifesta, primeiramente, pela repetição de um acontecimento, por mais medíocre que ele possa parecer. Se for noticiado que um comerciante foi assaltado 40 vezes, a repetição é relegada à categoria de curiosidade, mas, ainda assim, sugere uma ordenação, um sentido oculto, como se o acaso quisesse comunicar alguma coisa.

A repetição leva sempre, com efeito, a imaginar uma causa desconhecida, tanto é verdadeiro que na consciência popular o aleatório é sempre distributivo, nunca repetitivo: o acaso deve variar os acontecimentos; se ele os repete, é que quer significar qualquer coisa através deles: repetir é significar.[17]

A Coincidência também pode ser vista como uma garantia de transferir a responsabilidade dos acontecimentos para a noção de fatalidade. Ela "despe o homem de sua responsabilidade histórica, conforta-lhe com a irresponsabilidade, desculpando as suas próprias culpas"[18].

Outra forma de manifestação da Coincidência é a antítese, que aproxima duas perspectivas, dois conteúdos antagônicos. Quando "pescadores islandeses pescam uma vaca", há uma distância lógica entre a pesca e a vaca, porém o *fait divers* atua suprimindo-a, como se esses dois opostos se encontrassem no mesmo domínio.

Em termos de lógica, poder-se-ia dizer que cada termo, pertencendo em princípio a um percurso autônomo de significação, a relação de Coincidência tem por função paradoxal fundir dois percursos diferentes em um único percurso.[19]

A antítese também se expressa através do cúmulo[20], originário da tragédia grega. Sua função, de acordo com Roland Barthes, é transformar o acaso em signo. Desse modo, a relação de Coincidência implica na ideia de destino, de uma explicação divina: "antítese ou paradoxo, toda contrariedade pertence a um mundo deliberadamente construído: um deus ronda por detrás do fait divers"[21].

A Causalidade nas notícias sobre saúde

Barthes afirma que "cada vez pois que se quer ver funcionar a nu a Causalidade do *fait divers*, é uma Causalidade ligeiramente aberrante que se encontra"[22]. Exemplos disso são as notícias que exploram problemas genéticos e doenças cujas causas nem o ser humano nem a ciência conseguem descobrir, que atraem pelo espanto, pelo quê de misterioso. Enquadram-se na Causalidade por carência de causa, o nascimento de gêmeos xipófagos[23] (formados a partir do mesmo zigoto, mas, nesse caso, o disco embrionário não chega a se dividir por completo, produzindo bebês que estarão ligados por uma parte do corpo, ou têm uma parte do corpo comum aos dois), gêmeos de cores diferentes[24], menino-peixe com a pele que se assemelha a escamas, crianças com ossos de vidro[25], frágeis ao ponto de se quebrarem com simples contatos, seres humanos insensíveis à dor[26] e até pessoas que sofrem com a apelidada síndrome de bela adormecida[27], capazes de apagar e dormir em qualquer lugar sob qualquer circunstância e a qualquer momento.

Outro tipo de Causalidade que encontramos na mídia é o que Barthes chama de causa perturbada. É possível citar como exemplos a notícia de uma jovem vítima de câncer de pulmão – que nunca havia fumado – depois de ter passado por um transplante que deveria ter prolongado sua vida em vez de motivar sua morte[28] a mulher que passou dias internada na UTI após contrair uma doença do animal de estimação que sempre sonhou ter[29] e a idosa de 100 anos que morreu, não em consequência da idade avançada, mas após receber seu diploma da faculdade[30].

Seguindo essa linha, temos ainda exemplos de *fait divers* capazes de alarmar pelo viés explorado em suas manchetes. Como dar destaque, no auge do surto da gripe Influenza A (H1N1, popularmente chamada de suína, em 2009), ao número de mortes no território brasileiro por conta da gripe comum (sazonal), cerca de dois mil por ano[31]. Não tão significante assim ao se pensar na quantidade de infectados por tuberculose todos os anos (cerca de 70 mil) e menos que o dobro dos que morrem por conta desta doença infecciosa (4,6 mil por ano), a quarta que mais mata no Brasil[32]. Mais grave ainda é noticiar uma provável contaminação de gripe aviária[33], cujo contágio teria ocorrido de humano para humano, criando pânico sem que a veracidade científica do caso fosse comprovada.

Exemplo recente de Causalidade expressa por *dramatis personae* foi o da coreógrafa Deborah Colker, barrada em um voo doméstico por conta da doença rara de seu neto[34]. Sentindo-se inseguros com a aparência da criança de três anos – acometida por uma doença genética não contagiosa chamada epidermólise bolhosa[35], a tripulação e os demais passageiros do avião exigiram dela atestado médico para o embarque. O foco foi desviado para a dissecação emocional dos personagens e da situação, mantendo espectadores e leitores atentos aos meios de comunicação por dias, acompanhando os desdobramentos do caso[36,37].

A Coincidência nas notícias sobre saúde

Matérias como a da família que perdeu sete filhos acometidos pela mesma doença genética[38] levam o público a pensar que há algo mais, que a Coincidência significa além do que está aparente, quem sabe um motivo sobrenatural para explicar tanto sofrimento. Pode-se, ainda, acrescer à lista de repetições coincidentes no discurso de saúde dos meios de comunicação casos como o das vizinhas que padecem de elefantíase há mais de uma década[39], a mãe que descobriu que dois de seus três filhos, apesar de apresentarem sintomas distintos, possuem síndrome rara igual[40] e os três irmãos que possuem a mesma enfermidade degenerativa e precisam adaptar as atividades para tentar viver melhor[41].

Na forma de manifestação da Coincidência por antítese, podemos citar uma notícia de um garoto de 14 anos que por conta de uma doença rara vive como se seu corpo tivesse 110 anos[42]. Já para ilustrar o cúmulo, há a notícia sobre o neurocientista francês David Servan-Scheiber – mundialmente conhecido como "doutor anticâncer" devido a suas relevantes pesquisas na área. Ele descobriu, por acaso, um tumor no cérebro, o qual acabou causando sua morte em 2011[43].

As duas categorias de estrutura do *fait divers* têm profunda ligação. Barthes afirma que a Causalidade é continuamente "submetida à tentação da Coincidência" e, que, inversamente, "a Coincidência é constantemente fascinada pela ordem da Causalidade".

Causalidade aleatória, Coincidência ordenada, é na junção desses dois movimentos que se constitui o *fait divers*: ambos acabam, com efeito, por recobrir uma zona ambígua onde o acontecimento é plenamente vivido com um signo cujo conteúdo é, no entanto, incerto.[44]

Conclusão

Como bem definiu Barthes, o *fait divers* "é uma arte de massa: seu papel é, ao que parece, preservar no seio da sociedade contemporânea a ambiguidade do racional e do irracional, do inteligível e do insondável"[45].

O *fait divers* é sensacionalista em sua essência; seja pela Causalidade, seja pela Coincidência, interpela a emoção do receptor. A mídia aproveita a relação de temor-encanto que o público tem com o inexplicado, com o curioso, para conseguir maior atenção e alcance em suas matérias, surpreendendo e, muitas vezes, gerando identificação projetiva.

Porém, esta exploração das mazelas que acometem parte quantitativamente pouco representativa da população, acaba por agudizar a sensação angustiante do temor e a incrementar a lucrativa indústria do medo que vende desde sofisticados mecanismos de proteção pessoal e patrimonial, congelamento de corpos, bem como coisas bem mais comuns como complementos e suplementos alimentares, ou seja, remédios para quem não está doente.

Como disse Bauman:

> Os medos não têm raiz. Esta característica líquida do medo faz com que ele seja explorado política e comercialmente. Políticos e vendedores de bens de consumo acabam transformando esta característica em um mercado lucrativo. O comum é você tentar reagir, fazer alguma coisa, tentar desvendar as causas da ansiedade e lutar contra as (invisíveis) ameaças e isso é conveniente do ponto de vista político ou comercial. Tal atitude não vai curar a ansiedade, só alimenta esta indústria do medo. Adquirir bens em prol da segurança só alivia alguma tensão e por um breve tempo.[46]

Notas

1. Virilio, Paul. O progresso da ciência-espetáculo. Disponível em: http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=352. Acesso em fev. 2012.
2. Capra, F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1982. 447 p.
3. Boltanski, L. *As classes sociais e o corpo*. 2. ed. Rio Janeiro: Graal, 1989. p. 23.
4. Ibid., p. 23.
5. Luz, M. T. Medicina tradicional chinesa. In: *VII Seminário do Projeto Racionalidades Médicas*. Rio de Janeiro: UERJ, IMS, 1998. 56 p. (Série estudos em saúde coletiva, n.160).
6. Ibañez, N. e Marsiglia, R. Medicina e saúde: um enfoque histórico. In: *Ciências sociais e saúde para o ensino médico*. São Paulo: Fapesp, 2000. 49-74 p.
7. Bauman, Z. *Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos.* Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p.74.
8. Rabaça, Carlos Alberto e Barbosa, Gustavo Guimarães. *Dicionário de comunicação*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001, p. 296.
9. Adjetivo referente à Semiologia, que para Ferdinand Saussure é a "ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social" (Rabaça, 2001: 665). Na concepção de Roland Barthes, ela é o "estudo das significações que podem ser atribuídas aos fatos da vida social concebidos como sistemas de significação: imagens, gestos, sons melódicos, elementos rituais, protocolos, sistemas de parentesco, mitos etc" (idem).
10. Barthes, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 58.
11. Ibid., p. 59.
12. Sodré, Muniz. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1996. p.134.
13. Barthes, op. cit., p. 62.
14.Barthes, op. cit., p. 63.
15. Barthes, op. cit., p. 60.
16. Barthes, op. cit., p. 63.
17. Barthes, op. cit., p. 64.
18. Ramos, Roberto José. *Roland Barthes: semiologia, mídia e fait divers.* FAMECOS, Porto Alegre, n.14, abr. 2001. Disponível em: http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/14/a13v1n14.pdf. Acesso em: 17 ago. 2008.
19. Barthes, op. cit., p. 64.
20. Na tragédia grega, o cúmulo era a expressão de uma situação de azar, de má sorte (Ramos, op. cit., p. 126).
21. Barthes, op. cit., p. 65.
22. Barthes, op. cit., p. 60.
23. http://extra.globo.com/noticias/brasil/casal-pede-doacoes-para-gemeos-siameses-no-recife--um-sofrimento-lamenta-pai-9015443.html. Acesso em 30 ago. 2013.
24. http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL943894-5602,00-CASAL+INGLES+TEM+GEMEOS+DE+CORES+DIFERENTES+PELA+SEGUNDA+VEZ.html. Acesso em 30 ago. 2013.
25. http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/02/10/interna_gerais,349687/o-drama-das--criancas-dos-ossos-de-vidro.shtml. Acesso em 02 set. 2013.
26. http://super.abril.com.br/saude/eles-nao-sentem-dor-615726.shtml. Acesso em 02 set. 2013.

27. http://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/com-doenca-rara-estudante-cochila-mais-de-44-vezes-por-dia-em-qualquer-lugar-7700144.html. Acesso em 02 set. 2013.
28.http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/12/121218_mulher_transplante_cancer_rw.shtml Acesso em 08 set. 2013.
29. http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/05/13/mulher-passa-12-dias-na-uti-apos-contrair-doenca-de-calopsita-em-sao-jose-dos-campos-sp.htm. Acesso em 08 set. 2013.
30. http://noticias.r7.com/esquisitices/noticias/velhinha-de-100-anos-morre-um-dia-depois-de-receber-diploma-20100127.html. Acesso em 08 set. 2013.
31. http://noticias.terra.com.br/brasil/ministerio-2-mil-morrem-ao-ano-de-gripe-comum-no-brasil,5de8ab6b167ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html. Acesso em 22 set. 2013.
32.http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/arquivos/apres_padrao_base_22_02_2013_jarbas.pdf. Acesso em 22 set. 2013.
33. http://saude.ig.com.br/minhasaude/2013-08-07/identificada-provavel-transmissao-de-gripe-aviaria-em-humanos.html. Acesso em 22 set. 2013.
34. http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/08/1329061-coreografa-e-neto-com-doenca-rara-sao-barrados-em-voo.shtml. Acesso em 15 set. 2013.
35. http://www.ebc.com.br/noticias/saude/galeria/videos/2013/08/especialista-explica-origem-e-tratamento-da-epidermolise. Acesso em 22 set. 2013.
36. http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/08/tripulacao-agiu-certo-no-caso-do-neto-de-deborah-colker-diz-sindicato.html. Acesso em 22 set. 2013.
37. http://oglobo.globo.com/pais/portadores-da-mesma-doenca-do-neto-de-deborah-colker-sofrem-discriminacao-9628292. Acesso em 22 set. 2013.
38.http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/09/120919_doenca_genetica_filhos_jp.shtml. Acesso em 19 set. 2013.
39. http://www.meionorte.com/noticias/internacional/vizinhas-sofrem-com-a-mesma-doenca-da-perna-de-elefante-ha-mais-de-uma-decada-184906.html. Acesso em 19 set. 2013.
40. http://noticias.terra.com.br/ciencia/mae-descobre-que-irmaos-com-sintomas-distintos-tem-mesma-sindrome-rara,126f7c4ae495d310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html. Acesso em 19 set. 2013.
41. http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2013/05/tres-irmaos-com-doenca-rara-adaptam-atividades-para-superar-limitacoes.html. Acesso em 19 set. 2013.
42. http://virgula.uol.com.br/.../com-doenca-rara-garoto-de-14-anos-vive-como-se... Acesso em 15 out. 2013.
43. http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2011/07/morre-neurocientista-frances-david-servan-scheiber-dizem-jornais.html. Acesso em 23 set. 2013.
44. Barthes, op. cit., p. 66.
45. Barthes, op. cit., p. 67.
46. Bauman, op. cit., p. 74.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. *Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BOLTANSKI, L. *As classes sociais e o corpo*. 2. ed. Rio Janeiro: Graal, 1989.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

CAPRA, F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1982. 447 p.

CAVALCANTI, F. Jornalistas e cientistas: os entraves de um diálogo. In: LOPES, B. e NASCIMENTO, J. *Saúde & Imprensa: o público que se dane!* Rio de Janeiro: Mauad, 1996. 91-100 p.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 14.ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1999. 295 p.

_____.*O nascimento da clínica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 241 p.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997. 116p.

IBAÑEZ, N. e MARSIGLIA, R. Medicina e saúde: um enfoque histórico. In: *Ciências sociais e saúde para o ensino médico*. São Paulo: Fapesp, 2000. 49-74 p.

LUZ, M.T. Medicina tradicional chinesa. In: *VII Seminário do Projeto Racionalidades Médicas.* Rio de Janeiro: UERJ, IMS, 1998. 56 p. (Série estudos em saúde coletiva, n.160).

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de comunicação*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

VIRILIO, Paul. O progresso da ciência-espetáculo. Disponível em: http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=352 Consultado em fevereiro de 2012.

Resumo

A espetacularização da doença e a indústria do medo são duas faces da mesma moeda: uma engendrando valor à outra. Este trabalho busca trazer exemplos do papel da imprensa na alimentação do imaginário social acerca da fragilidade da condição humana. Para tanto, buscamos: recuperar as noções de saúde e doença desde os médicos hipocráticos e compará-los com os ideais propagados pela Organização Mundial da Saúde; através de autores como Bauman e Barthes, fazer a ligação entre as ideias da "cultura do medo" e de *fait divers*; e exemplificar tal relação usando o jornalismo cotidiano brasileiro.

Palavras-chave

Jornalismo; *Fait divers*; Saúde.

Abstract

The dramatization of diseases and the industry of fear are two sides of the same coin: one generating value to the other. This paper brings examples of the media role in nourishing social imaginary giving the fragility of the human condition. Therefore the paper aims to: recover the notion of health and sickness since the Hippocratic doctors and compare them with principles disseminated by the World Health Organization; through authors such as Bauman and Barthes; making the connection between "culture of fear" and "fait divers" using examples from Brazilian daily journalism.

Keywords

Journalism; Fait divers; Health.